

O último profeta do milênio The last millennium prophet

Gilmar de Carvalho.

Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-São Paulo.
Professor da Universidade Federal do Ceará

Angelica Höffler. Mestranda em Comunicação e Semiótica pela PUC-São Paulo

Dia 4 de março de 1998, quinze horas, sol forte na rua Santa Luzia, centro de Juazeiro do Norte, ao lado do Mercado Central. De repente, em meio ao burburinho, uma voz se destaca, estridente. Não se trata de mais um pregão dos ambulantes, mas de algo muito visceral. Aquela voz tem uma força ancestral e diz uma verdade que incomoda aos nossos ouvidos e nos faz pensar: *O mundo vai se acabar.*

Quem grita é um jovem senhor, às vésperas dos quarenta anos, com barba cerrada, vestindo um hábito verde, coberto por um couro de carneiro, de chapéu de palha, conduzindo uma carroça puxada por um jumento, que tem, em sua parte traseira, uma réplica da arca de Noé, estampas de santos, um painel pintado e umas inscrições enigmáticas.

A passagem do profeta causa uma certa perplexidade e um mal-estar na cidade. É possível ouvir alguns insultos a ele proferidos e o mais sutil é o que o rotula como louco. A visão é epifânica e grande é o estranhamento provocado por aquela figura,

retirada de um livro de história sagrada, disputando espaço com os carros, com a estridência das buzinas e com uma cidade que pulsa.

Antônio Gomes de Araújo, 38 anos, é mais um dentre os inúmeros profetas que anunciam o final dos tempos, o que é freqüente numa virada de milênio, quando as pessoas se inquietam com o que virá e buscam uma explicação mística como saída para compreender um mistério que se envolve nas dobras do tempo.

Outras vezes é assim e a vida continua, mas para seu Antônio, essa será a terceira e última hecatombe: primeiro foi o dilúvio, depois Sodoma e Gomorra e agora virá o acerto de contas final. As trombetas tocarão em breve, o sétimo selo será rompido e a visão de Deus será esplendorosa.

A moradia

Antônio Gomes de Araújo nasceu em Juazeiro do Norte, em outubro de 1960. Teve dois anos de educação formal: "*fiz até o segundo ano, mal feito.*" Lê com dificuldade e

consegue escrever muito pouco. Trabalha como carpinteiro, outro ofício de tradição bíblica. Faz móveis durante a manhã, em sua casa, na Avenida Paraíba, no bairro do Romeirão.

A carroça está na calçada, o que facilita identificar sua morada. Depois das palmas, ele chega à porta e pede um tempo. Volta, devidamente paramentado. Tem a voz mansa que contrasta com a virulência do pregador e convida para entrar.

A casa é simples. Na verdade, a sala é seu ateliê, onde ele improvisa algumas cadeiras para as visitas. Tábuas de madeira se espalham pelo espaço e se juntam a alguns instrumentos de trabalho. Nas paredes, estampas votivas: uma Sagrada Família, o Coração de Jesus e o de Maria, São Brás, Senhora Santana, as Virgens do Carmo e de Fátima e a última ceia. O retábulo se completa com reproduções de fotografias do Padre Cícero e Frei Damião e, sobre a mesinha, uma Bíblia encadernada e uma Nossa Senhora das Dores, em gesso.

Ele diz que se iniciou neste ofício vendo os outros trabalhar. Fala que chegou a ganhar algum dinheiro antes da criação do real, quando suas encomendas diminuíram, a ponto de ter dificuldades em manter seus quatro filhos: o mais velho com 16 anos, uma garota com 14, outra com 10 e o caçula de 9 anos, dois dos quais freqüentando a escola.

Pela manhã, ele faz seus móveis, na linha do desenho popular, com alguns entalhes que os diferenciam dos demais, apesar da madeira barata, do verniz de carregação e da pouca exigência que se antevê por parte de sua clientela. A mulher, Maria Luciana, é sua auxiliar, discreta, ela se recusa a falar, como se tivesse medo das visitas. À tarde, é ela quem toca as encomendas, abrindo a oficina e assegurando a manutenção do orçamento familiar. Enquanto ele se dedica ao trabalho de Deus, percorrendo com sua carroça as ruas de sua cidade para lançar invectivas contra o mal e dizer que faltam apenas um ano e oito meses para o fim dos tempos, o suficiente para que as pessoas se arrependam e mudem de vida, antes de serem lançadas para sempre no fogo eterno.

A revelação

O profeta diz ter recebido, em sonho, a missão de pregar as “boas novas”, o que, em seu caso, se confunde com o aviso da última possibilidade de conversão e de opção pelo caminho do Senhor.

Ele diz que cada iniciado tem o seu dom e que o dele é o da audição. Ele recebe, permanentemente, instruções que orientam sua trajetória. Sua fala mansa e pausada, entremeada por citações bíblicas, se transforma no discurso inflamado de quem

quer convencer porque está certo das verdades que enuncia.

Antônio Gomes de Araújo utiliza a carroça há três anos para chamar a atenção, faz parte de sua performance, porque ele tem consciência de que sua pregação teria menos impacto, se ele andasse pelas calçadas prevendo o fim dos tempos. A carroça é seu púlpito e ele dispensa amplificação para sua voz, que soa rascante e incômoda, como a realidade que ele diz antecipar, com chamas, enxofre, noites de escuro, estrondos, água se transformando em sangue, numa acepção literal do Apocalipse.

Apesar de segurar com uma das mãos o arreio do jumento, ele gesticula com a outra e seu corpo cresce em seu desempenho. Naquele momento, ele é o profeta, o juiz irascível, o sacerdote de um culto que retoma a tradição, atualizando uma fala que, em tempos passados, já foi enunciada por outras pessoas.

Seu Antônio é um arauto, um mensageiro, como tantos anjos que povoaram outros episódios bíblicos, um beato nordestino como Antônio Conselheiro com suas prédicas ou José Lourenço com sua prática comunitária. Ele ter parece saído de um filme de Glauber Rocha, atravessando o sertão com seu velho e sempre atual discurso maniqueísta, cujas origens podem ser buscadas na legendária "Missão Abreviada",

base da pregação do Padre Ibiapina, fundador das "Casas de Caridade" no sertão nordestino; e do Padre Cícero e de seu sucessor, o imaginário popular, o missionário FreiDamião.

Seu Antônio recebeu uma ordem, há cerca de dezesseis anos, que se mantém na voz que lhe instrui durante os sonhos. Ele tenta dar conta da melhor maneira possível, percorrendo os quatro cantos de uma Juazeiro do Norte que se dilata em todas as direções e que ouve, incrédula e perplexa, sua voz profética.

Ele se preparou durante dez anos para o exercício de sua missão. No início, seu ministério se restringia à catequese e ao rosário e reagiu-se, com espanto, à sua mudança de atitude. A mulher, a mãe e os irmãos disseram que ele *tinha perdido o juízo*. O pai sempre esteve ao seu lado e desautorizava a versão de que ele delirava. Hoje, aceito por todos, ele credita as mudanças à ação de Deus que teria abrandado os corações duros.

O final dos tempos que ele anuncia é uma oportunidade para se pensar no que significa essa convenção, que vai muito além de uma simples passagem dos dias e que ocupa um lugar privilegiado em nosso imaginário.

Segundo os Medievalistas, foi assim no século X, e está sendo também no século

XX, apesar da velocidade com que se processam as informações, do predomínio da razão que não impede, por outro lado, que as pessoas busquem saídas místicas ou recorram ao esoterismo, como forma de se proteger do desconhecido e legendário ano 2001, com seu clima de ficção científica, com o imprevisível “bug do milênio” e com a expectativa otimista de uma idade de Aquário.

Seu Antônio não aposta na catástrofe. Quando enuncia a destruição, é a possibilidade da salvação que ele está pregando. É esta a síntese de seu ideário, uma expectativa de esperança em meio aos “desmantelos” do mundo, para utilizar uma expressão recorrente na literatura de folhetos.

História de vida

Casado, pai de quatro filhos, Seu Antônio faz questão de evidenciar uma regularidade de hábitos. Por essa razão, ele ocupa uma casa, quando poderia ter fugido de todos e morar, asceticamente, em uma caverna, como os eremitas.

Afinal, São João Batista é uma de suas influências confessas e nele foi buscar a referência do couro de carneiro, branco e curtido, com que arremata seu hábito de brim verde, em homenagem a São Pedro.

Da vida sexual ele diz, com uma certa timidez, que *Deus não proibe que o homem use sua esposa, quantas vezes quiser*. Os

quatro filhos do casal comprovam que o preceito de crescer e multiplicar também foi cumprido à risca, apesar de sua possível relação com um prazer que é muitas vezes renegado. Mas ele faz questão de reforçar que, algumas vezes, evita os prazeres da carne, embora se reserve ao direito de não dizer em que condições e com que frequência recorra à abstinência sexual em função de sua missão.

Ele jejua muito, mas não quer dar detalhes dessa penitência: um segredo que ele gostaria de guardar. O jejum seria uma forma de purificação e ele recebe essas ordens, que faz questão de cumprir, *por meio de sonhos, mensagens e pensamentos*.

Quanto a restrições alimentares, ele se recusa apenas a comer maçãs, porque não gosta, ainda que deixe margens para que se depreenda que, além do gosto pessoal, seja possível a interpretação de que esse foi o móvel da tentação e do pecado original e que toda maçã presentifica a queda.

Ele foi *uma criança traquinas* e na mocidade *bebia, jogava e mulherengava, como qualquer outro pecador*. Não bebe mais, deixou de fumar, abomina o jogo e com muita reza e penitência, se prepara para o serviço do Senhor.

Ele pede licença para trazer algumas peças que complementam sua indumentária: a cruz, que ostenta no pescoço, e um silício.

com que se purga de todos os pecados. É algo muito íntimo, mas ele faz questão de mostrar, com toda a naturalidade, apesar do constrangimento que provoca a visão daquela coroa de espinhos de arame farpado. Diz que o coloca na cintura todos os dias, ao meio dia, quando reza o rosário. Tem também o chicote com as lâminas dos outros penitentes, mas que não o utiliza. Ele teria copiado o instrumento de flagelação de um velho padre e consultor espiritual.

Aliás, silícios e açoites são freqüentes entre os grupos de penitentes do Cariri que, com seus capuzes, cruzeiros processionais e cânticos medievais, como o *Pranto*, que reproduz a descida da cruz ou o *Stabat Mater*, são compreendidos como a permanência de um catolicismo triunfante, herdeiro das práticas missionárias e que tem, em São Sebastião, o defensor contra a guerra, a peste e a fome.

Seu Antônio, em casa, fala, sem afetação, de sua dificuldade em ler, quando tem que *assoletar bem*, o que evidencia a importância da memória, para armazenar as informações a que teve acesso e da oralidade como um dos vetores de sua formação.

Apesar de ter a linguagem escrita, a letra, como partida para o seu trabalho, seu instrumento é a voz. Ainda assim, ele nunca teve veleidades de escrever, de deixar um conjunto de reflexões ou conselhos, como

outros líderes carismáticos. O que ele tem para dizer ele diz por meio da voz. Aqui, mais do que nunca, sua voz é profecia porque antecipa o futuro e instaura o novo tempo.

A pregação

Seu Antônio mistura a citação bíblica com sua exegese, num contexto em que não fica bem claro o que é parte da Escritura ou de sua interpretação. Em casa, o seu discurso é labiríntico, monocórdio e sem afetação. Diferentemente, nas ruas, ele tem consciência de que sua fala tem que ser concisa para atingir um maior número possível de incrédulos e, para isso, que tem de ter veemência. Pilotando sua carroça, sua argumentação direta tem que ter impacto.

No que concerne à palavra, deve ser como um “haikai” ou um mote de cantoria; visualmente, deve ter a contundência de um *outdoor* ou o inusitado de um *clip*. Como tem consciência de que está no trânsito, opta por uma linguagem imperativa, diz que veio para advertir.

Sua eficácia depende de um maior número de pessoas tomar conhecimento do que tem a dizer. O que faz com que a carroça, com a arca de Noé, os letreiros e sua performance constituam um todo, provoquem estranhamento ou recusa e não permitam que ele passe despercebido.

Na verdade foi o bordão *o mundo vai*

se acabar no ano dois mil que provocou o alarido na rua e nos levou até a sua casa, onde as chances de uma entrevista se mostravam muito remotas. Com a maioria dos outros místicos, é assim que acontece, com a vida pública se impondo como a instância que verdadeiramente interessa e o espaço privado sendo interdito aos olhares curiosos.

Seu Antônio tem consciência de que essa é a sua missão. Ele diz que não pretende organizar uma igreja, que a incumbência que ele teria recebido de Deus seria essa; a de avisar, como João Batista, que teria vindo antes, para anunciar o Messias.

Ele vai do Velho ao Novo Testamento com a desenvoltura de um profundo conhecedor. Mas seu ponto de vista privilegia a destruição. Assim, ele insiste no capítulo XXIV de Mateus, onde o evangelista fala dos falsos profetas, do sol que escurece, da lua que não dará a sua luz e das estrelas que cairão dos céus.

Outra referência é o Apocalipse, como não poderia deixar de ser. No capítulo XI, ele vai buscar reforço para sua tese das três noites de escuro, quando o texto das Revelações fala em relâmpagos, vozes, terremoto e uma grande chuva de pedras. O que de certo modo é matéria do cordel de João de Cristo Rei, que, além de poeta, era também o profeta da destruição e da salvação.

No capítulo VIII, ele vai justificar a conversão em sangue da terça parte dos mares. A praga dos gafanhotos será baseada no capítulo IX do livro que fecha as Escrituras.

O profeta Isaías contribui com a *Idade de Ouro Messiânica*, em que faz referência a um novo céu e a uma nova terra. Outra de suas citações é o *Discurso de Pedro*, no Ato dos Apóstolos, que fala que nos últimos dias todos serão profetas.

A partir dessa colagem de citações, Seu Antônio monta sua fala e confirma sua hipótese de que o mundo vai se acabar no ano 2000, com a punição dos pecadores, a volta de Cristo e a instauração da utopia que vai além do milênio. Porque não se trata apenas de um período sem guerras, fome ou pestes, mas do reencontro do homem com Deus e da superação da idéia da queda.

Seu Antônio fala de um novo tempo que será eterno, em que o mal não prevalecerá e o amor deixará de ser carnal. O que ele antevê é *que o mundo do Espírito Santo que não tem cachaça, ódio, sequestro, assalto, vamos poder dormir de portas abertas* porque Deus terá feito a sua limpeza e, ainda complementa citando Isaías: *o homem não vai morrer mais*.

Padre Cícero

Como não poderia deixar de ser, as prédicas de Seu Antônio acontecem em um

contexto de forte valorização do personagem Padre Cícero, que também contribui para a formação de seu ideário.

Em relação ao Padrinho, ele reforça o que diz o cordel quanto à sua origem divina. Repetindo o que foi dito por João de Cristo Rei, Miguel Paulo, Abraão Batista e por muitos autores, ele volta a falar na troca misteriosa das crianças.

Segundo a tradição popular, apropriada pela literatura de folhetos, uma mulher misteriosa, envolta em branco e cercada por um halo de luz, teria providenciado a troca da criança por outra, de origem divina logo após o parto de Dona Joaquina Vicência Romana, a dona Quinô. Aí estaria a gênese do mito Padre Cícero.

Os folhetos avançam nos detalhes, mas Seu Antônio se prende ao essencial, como forma de ressaltar uma importância que o Padre teria na história religiosa e política do Nordeste brasileiro.

Esse mesmo Padre Cícero foi considerado como *uma das pessoas da Santíssima Trindade*, pelo poeta João Mendes de Oliveira, em folheto datado da segunda década deste século, para deleite dos que utilizaram essa afirmativa como comprovação da tese do fanatismo. É assim que o Padre é visto por Seu Antônio, como *o Divino Espírito Santo reencarnado aqui como homem*, pela possibilidade de tirar alguém do inferno e de

todos os milagres que teria praticado.

Padre Cícero, ainda de acordo com a tradição popular, teria tido como substituto aqui na terra, ou como representante, Frei Damião, que também pregava contra o inferno e contra o pecado, na continuidade de um maniqueísmo que tem forte respaldo junto às camadas mais pobres e seria um dos pilares de um catolicismo de extração popular, que tem nas romarias um ponto de confluência e na aceitação de beatos, como Seu Antônio, uma de suas pedras de toque.

Ainda que ele queira ser apenas um profeta e não tenha pretensões de um conhecimento sistematizado ou da formação de uma comunidade, existem pontos de contato entre Seu Antônio e outros líderes carismáticos, como os *"Aves de Jesus"*, do bairro Tiradentes, em Juazeiro do Norte, ascetas e mendicantes, com seus hábitos e cruces, cumprindo um périplo semanal de visita à colina do Horto ou rezando no adro da matriz de Nossa Senhora das Dores; ou com a ordem dos penitentes do sítio Batateiras, em Barbalha, onde pontifica, como decurião, Seu Joaquim Mulato, quase oitenta anos de liderança e de prática de um catolicismo popular de forte hierarquia, ritos iniciáticos e uma necessidade de purgação que não se explica pela razão.

Outros, em diferentes localidades, retomam e amplificam essas idéias que

constituem um *corpus*, estratificado, com variações temáticas ou de intensidade da emissão, mas que constituem vertentes de uma mesma manifestação de uma religião entre os homens e Deus, sem a mediação da instituição eclesiástica.

Seu Antônio pode ser o último profeta, no sentido de que as novas práticas sociais, o aporte das novas tecnologias e o avanço do pentecostalismo podem isolar essas figuras, deslocadas de seu contexto e cada vez mais anacrônicas em um mundo marcado pela massificação dos discursos e pela espetacularização dos eventos, em que profetas como este tendem a satisfazer nossa curiosidade de um objeto bizarro de estudo.

O ideário

Seu Antônio reforça com sua barba longa o estereótipo que se tem do profeta. Vestido a caráter, ele vai contra a corrente e encontra guarida numa cidade que é a encruzilhada de todos os roteiros míticos nordestinos: Juazeiro do Norte.

Ele se filia a um maniqueísmo que contrapõe o preto ao branco, sem levar em conta as múltiplas nuances do cinza. Vê um mundo baseado nas oposições, em que o bem é o contrário do mal, em que o trigo é o antagonista do joio, em que a ameaça do inferno paira como uma sombra sobre todos.

Neste contexto, Seu Antônio vê o

pecado na mulher que *usa unha pintada, batom, bermuda, calça comprida, pinta cabelo, arranca sobancelha*, e recomenda *roupa quatro dedos abaixo do joelho, uma blusinha cobrindo os cotovelos*. Para os homens, as interdições incluem *tomar umas cervejinhas, ir ali nos ambientes, nas casas que são de prostitutas pra pegar outra mulher*. Tudo isso seriam astúcias do demônio que fala pela boca de qualquer um aqui na Terra.

Sobre a televisão, ele é a favor desde que seja para se assistir à missa ou ver um vídeo religioso, mas *se o homem não souber usar, ela é para a condenação*.

Ele tem nostalgia do velho catecismo e ele mesmo pergunta e responde quem é Deus, qual o sinal do cristão e outras questões da vulgarização da doutrina.

Em um mundo marcado por normas rígidas e ameaças de fogo eterno, Seu Antônio diz que já experimentou o que significaria a morada de Lúcifer e que teria visitado os infernos, espiritualmente, levado por um anjo. Mas o curioso de sua prédica é que, de acordo com a Quinta Trombeta, do capítulo IX do Apocalipse, que teria aberto o poço do abismo, de onde teriam saído a fumaça da grande fornalha e os gafanhotos da praga, *o inferno seria aqui na terra*.

Assim, ele se despede porque deve ter outras coisas a fazer. Sobre uma mesinha, o abandonado silício. Vai até a porta, vestindo

seu hábito. Na calçada, a carroça tal e qual a Arca de Noé. Uma última olhada permite ler o que está escrito no verso da tábua de compensado, suporte de um painel pintado a óleo, cujas cores desbotadas denunciam a ação vigorosa do sol: *O mundo será acabado no dia em que for visto um cruzeiro de sangue no céu, numa sexta-feira da Paixão, antes de 2000.*

Bibliografia

- CARVALHO, Gilmar de. *Publicidade em cordel*. São Paulo: Maltese, 1994.
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- FRANCO JR. Hilário. *As utopias medievais*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- GOUREVITCH, Aaron J. *Les catégories de la culture médiévale*. Paris: Gallimard, 1983.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- LOPES, Régis. *João de Cristo Rei: o profeta de Juazeiro*. Fortaleza: Secult, 1994.
- ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.